

A REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO NO DISCURSO POLÍTICO DE L. I. LULA DA SILVA ¹

ERCÍLIA ANA CAZARIN²
(UNIJUI)

Tendo como aporte teórico a Escola francesa da Análise do Discurso (daqui para frente AD), este trabalho analisa as representações do sujeito no discurso político de L. I. Lula da Silva³. Através do estudo do funcionamento discursivo, procura-se entender como o sujeito do discurso se representa nas diferentes relações que se estabelecem no funcionamento do discurso em pauta.

Na AD, a prática discursiva mostra que o sujeito, quando fala, adere à sua formação discursiva (FD)⁴, entretanto, no interior desta, apesar de ela determinar o que pode e deve ser dito, há, ou podem haver, efeitos de contradição. A maneira como a posição de sujeito se relaciona com a forma-sujeito (sujeito da FD), revela a não homogeneidade da FD e, conseqüentemente, do discurso.

Pêcheux (1975) apresenta o sujeito como revestido de um caráter ideológico. O sujeito, na AD, é assujeitado à sua FD. Esta, por sua vez, apresenta uma forma-sujeito, entendida como o processo sem sujeito que coincida consigo mesmo, isto é, um sujeito afetado pela ideologia. Assim, as características marcantes do sujeito são os traços sociais, ideológicos e históricos. A forma-sujeito é historicamente determinada, e é isto que permite falar na historicidade do sujeito na AD. No entanto, no interior de uma FD coexistem distintas posições de sujeito que se relacionam diferentemente com a forma-sujeito de sua FD.

Na AD, o sujeito não é portador de escolhas e/ou intenções. O que ocorre é que devido à natureza inconsciente da determinação ideológica, o sujeito não percebe a vinculação de seu discurso a essa forma-sujeito. Esta é a ilusão de liberdade de que fala Pêcheux.

¹ Este trabalho resulta de estudos realizados na dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem, na UFRGS, sob a orientação da professora Dr^a Freda Indursky e foi apresentado no Colóquio Internacional Discurso, Memória, Identidade: 25 anos PPG-LETRAS/UFRGS.

² Mestre em Estudos da Linguagem pela UFRGS e pro^f de Letras da UNIJUI.

³ L. I. Lula da Silva, neste trabalho, também será tratado por Lula.

⁴ Formação discursiva é entendida segundo Pêcheux (1990:166 e 167) como aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada, numa conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito.

Orlandi (1993:18-19) salienta que a dispersão dos sentidos e do sujeito é condição de existência do discurso, mas para que este funcione, toma a aparência de unidade. Essa ilusão de unidade é efeito ideológico, é construção necessária do imaginário discursivo. Tanto a dispersão como a ilusão da unidade são igualmente constitutivas.

Para explicar a ilusão do sujeito, Haroche diz que:

“O assujeitamento, ligado à ambigüidade do termo sujeito, exprime bem esta “fixação” de liberdade e de vontade do sujeito: o indivíduo é determinado, mas, para agir, ele deve ter a ilusão de ser livre mesmo quando se submete”(1992:178).

Pêcheux, em 1980, matizava sua linguagem teórico-marxista com novas formulações, tais como “identidade e divisão do sentido”, uma ideologia não é “um bloco homogêneo”, ela “não é idêntica a si mesma”, fazendo a enunciação aparecer sob a categoria da contradição.

Igualmente, em 1981, ao prefaciá-la a tese de Courtine, Pêcheux criticava a idéia do sujeito pleno e falava da necessária “deslocalização tendencial do sujeito enunciativo”. Segundo ele, o sujeito enunciativo não está mais no centro dos processos de legitimidade, e sim em outro lugar, lá onde apenas as descrições locais podem recuperá-lo e categorizá-lo.

O sujeito não-homogêneo e socialmente constituído não aceita o sujeito centralizado num “eu” monolítico, mas relativizado, com a forte “presença” do outro, com quem divide o seu espaço discursivo. Assim, a heterogeneidade se faz presente na constituição do sujeito e isto comporta uma concepção de linguagem também heterogênea.

Para a AD, o sujeito historicamente situado é agente de práticas sociais e, desde sempre, um “indivíduo” interpelado em sujeito, através da ideologia.

A noção de ideologia é essencial para a AD, sob pena de não se perceber a aparente transparência do sujeito e do sentido, bem como de ocultar a forma de constituição dos mesmos. Segundo Orlandi, “...sem a consideração da ideologia, se toma o sujeito como causa de si, não se levando em conta nem a história de sua constituição, nem a historicidade do sentido”(1986:116).

Assim, à medida que o sujeito da linguagem não é um “sujeito em si”, porque socialmente situado, a apropriação da linguagem é igualmente entendida como social, ou seja, há uma forma social dessa apropriação.

A teoria não-subjetiva inclui o sujeito, mas, ao mesmo tempo, o “descentra”. Orlandi (1990:29) explica esse descentramento pelo fato de que a AD não considera o sujeito como fonte e responsável do sentido que produz, considera-o apenas parte desse processo.

O sujeito, então é ele, mais a complementação do “outro”, mais o inconsciente. Nesse “outro”, inclui-se não só o destinatário, mas também a voz de “outros” discursos, historicamente já constituídos, que se encontram no nível do interdiscurso. Os processos discursivos não têm sua origem no sujeito, mas na FD com a qual o sujeito se identifica. É isto que possibilita dizer que o que existe é a forma-sujeito da formação discursiva com a qual diferentes posições de sujeito se relacionam, numa maneira particular, mas

social. A forma como determinada posição-sujeito se relaciona com a forma-sujeito evidencia a dispersão do sujeito e a não homogeneidade da própria FD. Na AD, o sujeito é duplamente interpelado: pela ideologia e pelo inconsciente.

Orlandi salienta que o sujeito da AD é socialmente marcado e que o “apagamento” na constituição do sujeito não é absoluto, possibilitando assim que se assuma a relativização desta constituição. Em seus próprios termos:

“...discursivamente não há um sujeito absoluto, auto-suficiente, nem um sujeito-complemento, inteiramente determinado pelo fora. Esse espaço da subjetividade na linguagem é um lugar tenso onde jogam os mecanismos discursivos da relação com a alteridade”(1993:80).

Em trabalho realizado na dissertação de mestrado (Cazarin, 1997), teve-se como objetivo analisar a heterogeneidade discursiva, procurando entender as diferentes relações e efeitos de sentido instaurados pela inserção do discurso-outro no discurso político de Lula, ocasião em que se pode constatar que o sujeito do discurso se representa conforme as diferentes relações que se estabelecem no funcionamento discursivo. Três tipos de relações foram analisadas: as relações com a formação discursiva externa; as relações com a formação discursiva interna; e as relações com a formação discursiva cristã. Nestas relações foi possível observar que nem sempre o sujeito do discurso funciona de forma idêntica, variando de acordo com as referidas relações e apresentando-se como um sujeito cindido e disperso.

Na relação com a FD externa (FD2), ou seja, com a FD politicamente antagônica, foram constatadas duas relações distintas: de *aliança* e de *confronto*. A primeira ocorre quando o sujeito do discurso aciona o discurso da FD externa para empregá-lo como forma de sustentação de seu próprio discurso. Observe-se:

...Primeiro é preciso enxugar o Estado. Nenhuma obra pode ser feita se não for prioritária. Você não vai inventar obra para poder sustentar empreiteira. Eu utilizo muito uma frase do Jatene: *Em vez de construir um novo hospital, nós temos que criar um pouco de juízo e equipar os hospitais existentes, colocá-los a funcionar de forma adequada.* (Entrevista à Folha de São Paulo, 14/08/94, Caderno Especial “Supereleições”, ao ser perguntado como é que se pode gerar mais emprego, sem reacquer a inflação).

A segunda forma de relação é a de confronto que ocorre quando o sujeito do discurso entra em confronto com o discurso-outro oriundo da FD externa. É uma relação marcada pela tensão e pelo antagonismo. Observe-se:

...Eu acho que essa *abertura deve vir, não lenta e gradual* como querem, *mas de acordo com as exigências da sociedade...* (Entrevista à Gazeta Mercantil, 05/04/79, publicada em “Lula - entrevistas e discursos”, p.169).

Como se pode observar, na relação com a FD externa tem-se um sujeito do discurso que assume uma posição de sujeito “fiel” à forma-sujeito de sua FD, no entanto, se representa diferentemente conforme a relação estabelecida, fragmentando-se, ou melhor, apresentando-se de forma descontínua na relação com a FD externa. Apresenta-se como a única posição de sujeito, já que não há outros sujeitos a serem considerados, porém é uma posição de sujeito que devido às diferentes representações que assume, constitui-se de forma dispersa.

A representação do sujeito se dá de forma diferenciada nas diferentes relações, ou seja, no *confronto* o sujeito do discurso apresenta-se numa posição antagônica, rejeitando e reorientando o discurso-outro para aquilo que pode e deve ser dito na FD interna (FD1), sempre na busca da desqualificação do discurso da FD externa (FD2); na *aliança*, embora as FDs sejam antagônicas, o discurso da FD externa é trazido para junto do da FD interna como forma de lhe dar sustentação. Lula aparece, então, numa posição de sujeito que joga com diferentes formas de relacionar-se com a FD externa.

Na relação com a FD interna, o funcionamento do discurso de Lula é outro. No interior da FD interna estabelecem-se relações de diferença e de divergência e emergem diferentes posições de sujeito que, na sua relação com a forma-sujeito, diferenciam-se entre si e que, na análise, estão assim representadas: a posição de sujeito1 é a ocupada pelo sujeito do discurso em análise; a posição de sujeito2 é uma posição de sujeito que, na relação com a forma-sujeito da FD interna, diferencia-se da posição de sujeito1, mas que convive no interior desta FD, sem tensionar o discurso; a posição de sujeito3 é ocupada por uma posição de sujeito que, na relação que estabelece com a forma-sujeito da FD1, diverge da posição do sujeito do discurso e apresenta-se de forma tensa na relação que estabelece com a posição de sujeito1.

As três posições de sujeito inscrevem-se no interior da mesma FD, no entanto, na relação que estabelecem com a forma-sujeito, mostram sua dispersão.

O funcionamento discursivo das relações que ocorrem no interior da FD interna (FD1) evidencia a pluralidade de perspectivas e revela a heterogeneidade tanto da FD quanto do sujeito.

Tanto as relações de *diferença* quanto as relações de divergência são resultado de formas distintas de relação com a forma-sujeito da FD interna (FD1). As primeiras apontam para a diversidade de posições de sujeito que, apesar de díspares, conseguem conviver em um mesmo domínio de saber sem tensionar o discurso. Observe-se:

... As coisas para nós agora tendem a se tornar bem mais claras porque o *trabalhador percebeu que não precisa fazer piquete, nem carnaval para fazer greve. É pura e simplesmente não ligar as máquinas quando ele entrar em serviço.* (Entrevista ao Diário do Grande ABC, 23/07/78, publicada em “Lula - entrevistas e discursos”, p.117 e 118)

As relações de *divergência* apresentam-se como discordantes entre si, isto é, como posições de sujeito que progressivamente se afastam. Convivem em um mesmo domínio de saber, mas em constante tensão. Observe-se:

...O Genoíno, quando entrou para o PT, vinha do Partido Revolucionário Comunista, PRC. Agora está mudado e tornou-se um dos melhores políticos do Congresso. Só que esta declaração mostra que ele precisa aprender a ser mais político e acatar os resultados adversos. Em vez de dizer que *o partido é burro*, deveria orgulhar-se da democracia interna e ter mais humildade. Quem não quer se submeter às deliberações do seu partido deve virar político avulso, que não presta contas a ninguém... (Entrevista à Veja, ano 26, nº 12, páginas amarelas, 24/03/93).

Na análise do processo discursivo de Lula, constata-se também um funcionamento discursivo que aponta para uma relação entre a FD interna (FD1) e a FD cristã (FD3). Mais especificamente, trata-se da “emergência” ou da “apropriação” por parte do sujeito do discurso de um discurso próprio da FD cristã. Ao apropriar-se do discurso desta FD, o sujeito do discurso recalca aquilo que é próprio de sua FD. Apropria-se do dizer do “outro” (da FD cristã), apaga sua fonte e o predica afirmativamente, silenciando o discurso próprio da FD interna e deslocando o dizer para outro lugar, ou seja, o dizer da FD cristã ocupa o lugar do discurso da FD interna, recalçando o que lhe é próprio. Observe-se:

O vermelho da bandeira do PT *é o sangue de Jesus Cristo na cruz...*
(Discurso em Canudos, Caravana da Cidadania - Veja, ano 26, nº 19, p.26, 12/05/93).

Essa forma de funcionamento discursivo, no discurso em análise, produz, além do silenciamento, outro efeito de sentido: o da contradição do sujeito do discurso. Ou seja: Lula, ao apropriar-se de enunciados próprios de outra FD, acaba revelando a contradição de sua posição de sujeito na relação que estabelece com a forma-sujeito (sujeito do saber) de sua FD.

O sujeito do discurso silencia o não-dito, mas um não-dito que tem significação própria. O silêncio funciona aqui, segundo Orlandi (1993:23 e 31), como o real do discurso e também como possibilidade para o sujeito trabalhar a contradição constitutiva, a que o situa na relação do “um” com o “múltiplo”, a que aceita a reduplicação e o deslocamento que permite ver que todo discurso sempre se remete a outro discurso que lhe dá realidade significativa.

Concluindo, pode-se dizer que o sujeito, no funcionamento do discurso político de Lula, tende a ser completo, mas na realidade apresenta-se marcado pelas diferentes relações estabelecidas (com a FD externa, com a própria FD do sujeito do discurso (FD interna), com a FD cristã), apresentando-se, por isso mesmo, como um sujeito cindido, atravessado por desigualdades e contradições e não idêntico à forma-sujeito de sua FD. Constitui-se, por natureza, como um sujeito heterogêneo, e, na relação que mantém com o sujeito universal, evidencia sua dispersão interna e, também, a não rigidez das fronteiras de sua FD que tem espaço para a heterogeneidade e para a contradição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAZARIN, Ercília Ana. **Heterogeneidade Discursiva: relações e efeitos de sentido instaurados pela inserção do discurso-outro no discurso político de L. I. Lula da Silva**. Dissertação de Mestrado, UFRGS, 1997.
- COURTINE, Jean Jacques. **Quelques problèmes theoriques et methodologiques en analyse du discours; à propos du discours communiste adressé aux chrétiens**. Langages (62): 9-127, juin, 1981.
- FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Petrópolis: Vozes, 1972.
- GUILHAUMOU, Jacques & MALDIDIER, Denise. Da Enunciação ao Acontecimento Discursivo em Análise do Discurso. In GUIMARÃES, Eduardo. (org). **História e sentido da linguagem**. Campinas: Pontes, 1989.
- HAROCHE, Claudine. **Fazer dizer, querer dizer**. São Paulo: Hucitec, 1992.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A Análise do Discurso: algumas observações**. DELTA 2 (1): 105-26, fev.1986.
_____. **As formas de silêncio: no movimento dos sentidos**. 2ª ed., Campinas: Ed. da UNICAMP, 1993.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli & GUIMARÃES, Eduardo. Unidade e Dispersão: uma questão do texto e do sujeito. In **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez, 1988.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1988.
_____. Remontémos de Foucault a Spinoza. In **El discurso político**. Universidad Nacional Autonoma de México & Editorial Nueva Imagem. México, 1980.